



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

**COLEÇÃO “CON NUESTRA VOZ”: A LITERATURA INDÍGENA DA ARGENTINA  
COMO MANIFESTAÇÃO DE DESCOLONIZAÇÃO**

**“CON NUESTRA VOZ” COLLECTION: ARGENTINA'S INDIGENOUS LITERATURE  
AS A MANIFESTATION OF DECOLONIZATION**

Bruna Caroline M. do Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo:**

Este trabalho é um recorte do meu trabalho de conclusão de curso e vem da importância e do interesse em investigar textos literários produzidos por povos indígenas presentes na Argentina. Com base nisso, objetiva-se analisar a coleção *Con nuestra voz* (ARGENTINA, 2015), uma coleção de textos plurilíngues escritos em línguas indígenas e castelhano, que foram produzidos por alunos, professores e membros de povos originários e falantes de línguas indígenas na Argentina. Dentro do material que será analisado, o foco principal será apresentar e discutir poemas. Para esse fim, propõe-se uma pesquisa bibliográfica, que utilizará como procedimentos metodológicos conceitos como a Descolonização do Conhecimento (QUIJANO, 1992; MIGNOLO, 2005; BALLESTRIN, 2013) e Literatura Indígena (NOVAIS, 2019; GRAÚNA, 2013). Por fim, a partir da análise dos poemas, será problematizado como a Literatura Indígena pode se articular com o conceito de Descolonização do Conhecimento.

**Palavras-chave:** Literatura Indígena. Descolonização do Conhecimento. Coleção *Con nuestra voz*.

**Abstract:**

This work is an excerpt from my final course work and comes from the importance and interest in investigating literary texts produced by indigenous peoples present in Argentina. Based on this, the objective is to analyze the collection *Con nuestra voz* (Argentina, 2015), a collection of plurilingual texts written in indigenous and Castilian languages, which were produced by students, teachers and members of indigenous peoples and speakers of indigenous languages in Argentina. Within the material to be analyzed, the main focus will be to present and discuss poems. For this purpose, a bibliographic research is proposed, which will use concepts such as the Decolonization of Knowledge as methodological procedures (QUIJANO, 1992; MIGNOLO, 2008; BALLESTRIN, 2013) and Indigenous Literature (NOVAIS, 2019; GRAÚNA, 2013). Finally, from the analysis of the poems, it will be problematized how Indigenous Literature can be articulated with the concept of Decolonization of Knowledge.

**Key words:** Indigenous Literature. Decolonization of Knowledge. *Con nuestra voz* Collection.

**Introdução**

Desde o meu primeiro ano da graduação, tive o privilégio de participar de projetos de pesquisa, extensão e iniciação à docência, durante todo o percurso acadêmico. Sinto-me honrada por isso, e

---

<sup>1</sup> Graduanda do 4º ano do curso de Licenciatura em Letras-Português/Espanhol. Universidade Estadual de Ponta Grossa; Departamento de Estudos da Linguagem. [brunacmachado2009@hotmail.com](mailto:brunacmachado2009@hotmail.com).



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

acredito que isso me ajudou tanto no desenvolvimento pessoal e profissional quanto para a direção do meu TCC.

Durante a minha participação no PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, houve um encontro com um professor argentino chamado Manuel Fontenla, da Universidade Nacional de Córdoba, no ano de 2018. Ele é especialista em Filosofia Latino-americana e interliga o conceito de filosofia com os segmentos indígenas, estudando os problemas concretos da sociedade latino-americana, desde as tradições de pensamento que se dedicaram a construir ideias na região, podendo assim a filosofia ser poesia, literatura e pensamento político, abrindo o panorama para o estudo da cultura e região, e o pensamento indígena. Nesse encontro, o professor Manuel apresentou materiais e métodos de ensino do seu país, juntamente com a coleção de seis livros, chamada *Con Nuestra Voz*.

O contato com esse material me despertou muito interesse. Então, esta proposta de estudo vem da importância de se investigar sobre os povos indígenas presentes na Argentina e, a partir disso, tem por objetivo analisar dois poemas da coleção *Con Nuestra Voz*, presentes nos livros da coletânea, que foram produzidos pelos povos indígenas da Argentina.

### **Descolonização do conhecimento**

Para iniciar a discussão acerca da descolonização do conhecimento, o trabalho de Quijano (1992) é um dos que se fazem aqui presentes. O autor afirma que, com a conquista do que hoje é chamado pelo nome de América Latina, houve uma formação de ordem mundial de poder pelas classes dominantes, o Colonialismo. Essa formação aparece definida da seguinte forma: “[...] fue establecida una relación de dominación directa, política, social y cultural de los europeos sobre los conquistados de todos los continentes. Esa dominación se conoce como Colonialismo”<sup>2</sup> (QUIJANO, 1992, p. 11).

Em consequência, Quijano (1992, p. 11) afirma que “la estructura colonial de poder produjo las discriminaciones sociales que posteriormente fueron codificadas como “raciales”, “étnicas”, “antropológicas” o “nacionales” según los momentos”<sup>3</sup>.

A colonização foi a imposição do uso dos padrões de expressão dos dominantes, havendo assim a colonização cultural baseada na europeização, em que a cultura europeia passou a servir como modelo universal aos povos colonizados.

Com base nisso, cada região sofreu um efeito diferente relacionado à colonialidade europeia, consequência da colonização, ocorrendo assim fatos extremos que ainda se fazem presentes. Na América Latina, houve uma colonização massiva por parte dos europeus, havendo assim acentuados extermínios indígenas, destruindo a cultura local. Segundo Quijano (1992, p. 13), os povos colonizados foram condenados à oralidade.

<sup>2</sup> “[...] foi estabelecida uma relação de dominação direta, política, social e cultural dos europeus sobre os conquistados de todos os continentes. Essa dominação se conhece por Colonialismo” (QUIJANO, 1992, p. 11). Tradução minha.

<sup>3</sup> “[...] a estrutura colonial de poder produziu as discriminações sociais que posteriormente foram codificadas como “raciais”, “étnicas”, “antropológicas”, ou “nacionais” segundo os momentos”. (QUIJANO, 1992, p. 11). Tradução minha.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Quijano (1992) afirma, com segurança, que “América Latina es, sin duda, el caso extremo de la colonización cultural por Europa”<sup>4</sup> (QUIJANO, 1992, p. 13).

No final dos anos 90, surgiu o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), formado por intelectuais latino-americanos que estudam o pós-colonialismo e o giro decolonial. Segundo Luciana Ballestrin (2013), o M/C parte do pós-colonialismo por meio da noção de “giro decolonial”, promovendo a defesa necessária do decolonial, contribuindo assim com o pensamento latino-americano. O grupo segue o conceito de Quijano de colonialidade. Outra reflexão significativa está atrelada à ideia de que não existe modernidade sem colonialidade, e de que se a colonialidade é necessária para a modernidade, é fundamental para as análises e revisões epistemológicas (QUIJANO, 2000) que elas não sejam dissociadas.

A partir disso, Ballestrin (2013) nos elucida sobre o “Giro decolonial”, que é um “termo cunhado por Nelson Maldonado Torres que significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico à lógica da modernidade/colonialidade” (BALLESTRIN, 2013, p. 105).

De acordo com a autora, o termo é um diagnóstico do pós-colonialismo e, de acordo com o M/C, essa perspectiva muda de direção a compreensão da modernidade e estuda os fenômenos que estão presentes como consequência da colonialidade do poder.

Apesar dos processos de colonização, os povos indígenas sempre criaram estratégias para sobreviver, entre elas a resistência. Ainda que muitos povos tenham sido extintos e dizimados, muitos outros resistiram à ocupação dos seus territórios, ao branqueamento da América, e mantiveram os seus costumes e línguas. Essa resistência é um movimento que se encaixa no pensamento descolonial que, segundo Zeifert e Agnoletto (2019), “é uma consequência do processo da modernidade, que adquire uma posição de resistência perante a imposição de conhecimentos eurocêtricos” (ZEIFERT; AGNOLETTO, 2019, p. 203).

Através do pensamento descolonial que, segundo Mignolo, foi refletido a partir do momento em que as histórias locais do mundo foram interrompidas pela história local da Europa (MIGNOLO, 2005), descolonizar é considerar essas culturas e esses saberes nos nossos estudos, e funciona como uma desobediência epistêmica frente aos saberes que hoje ainda perpetuam na nossa sociedade.

## **Literatura indígena**

Para Novais (2019), o conceito de Literatura Indígena engloba textos criativos em geral (orais ou escritos) produzidos pelos diversos grupos indígenas.

Graúna (2013), por sua vez, entende que a literatura indígena vem sendo uma prova de resistência, já que “a voz do texto mostra que os direitos dos povos indígenas nunca foram considerados de fato” (GRAÚNA, 2013, p. 15).

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas

---

<sup>4</sup> “América Latina é, sem dúvidas, o caso extremo da colonização cultural pela Europa.” (QUIJANO, 1992, p. 13). Tradução minha.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (GRAÚNA, 2013, p. 15).

É importante destacar que há uma diferença entre “literatura indígena” e “literatura indianista”. De acordo com Novais (2019), quando lemos um livro da literatura brasileira com a temática indígena, os mesmos podem ser compreendidos como indianistas, fazendo referência à idealização do indígena, por vezes retratando a figura indígena como um mítico herói nacional, sobretudo no Romantismo. Além disso, nem sempre quem escreve esses livros são indígenas.

Segundo Graúna (2013), no cânone, a literatura indígena não aparece divulgada, pois “seu lugar tem sido, até agora a margem. Poucos se dão conta de sua pulsação” (GRAÚNA, 2013, p. 55). No entanto, a virada do século XXI começa a trazer novos contextos para esta literatura.

A literatura indígena está sendo mais reconhecida atualmente. Ela sempre existiu, porém só agora os povos indígenas estão conseguindo nos mostrar o seu cotidiano, as suas lendas e mitos que passaram de geração em geração, e que hoje estão sendo documentados. Quando pensamos nos efeitos da inserção da literatura indígena em ambientes que predominam a literatura canônica, o que ocorre é um estímulo à maior percepção dos modos como os povos indígenas leem o mundo, através dos seus temas e expressões genuínas e da reflexão acerca da escrita com uma configuração distinta do cânone ocidental.

Quando os povos indígenas se expressam através da literatura, vem à tona toda a experiência que os mesmos tiveram na sua narrativa sequestrada pela literatura canônica. Cabe a nós, conhecer, ler e dar espaço para que essa literatura seja ocupada.

Tratando da literatura indígena na Argentina, nosso país de estudo, no ano de 2013, as publicações em línguas originárias no contexto argentino já estavam escassas, havia somente traduções para o castelhano (ARGENTINA, 2015). Com isso, o projeto *Con nuestra voz* se desenvolveu, com o intuito de transformar a sociedade em uma sociedade pluricultural, em que todas as línguas possam ter a mesma oportunidade, mesmo sabendo que as línguas originárias há séculos sofrem com discriminação e desigualdade.

O reconhecimento das línguas indígenas presentes na coleção objetiva estruturar as comunidades falantes, deixando um legado cultural que foi e continuará sendo transmitindo de gerações em gerações.

## **Metodologia**

A coleção *Con nuestra voz* é uma coleção de textos plurilíngues escritos em línguas indígenas e castelhano, que foram produzidos por alunos, professores e membros de povos originários e falantes de línguas indígenas na Argentina.

A coleção é composta por seis exemplares: *Estamos*, *Enseñamos*, *Compartimos*, *Cantamos*, *Creamos* e *Recordamos*, em que há a presença de diversas línguas indígenas, juntamente com suas variantes. Todos os livros possuem no título a frase “*con nuestra voz*”, e depois o seu respectivo título.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Em cada um dos exemplares, há textos que pertencem aos diversos povos indígenas, cada um com a sua língua, história e cultura.

Segundo o site *Modalidad de Educación Intercultural Bilingüe* (2016), dois grandes objetivos motivaram esse projeto:

El primero es atender la necesidad siempre presente de los alumnos, alumnas y docentes indígenas de contar en las aulas con materiales didácticos que reflejen sus lenguas y culturas como formas de acceso al conocimiento y espacios de reflexión sobre lo propio. Con esta obra, entonces, se busca dotar a las escuelas de textos plurilingües para enriquecer las prácticas de enseñanza y aprendizaje. El segundo objetivo, es visibilizar la riqueza lingüística y cultural de nuestra sociedad para fomentar el conocimiento y reconocimiento de nuestra identidad colectiva, incorporando estos materiales educativos como parte del acervo colectivo, la pluralidad y la diversidad. (MODALIDAD DE EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE, 2016)<sup>5</sup>

A coleção teve por objetivo promover o reconhecimento das multiplicidades das línguas, que são grande parte dessas vozes que se fazem presentes na Argentina. Com essa ação de produção do material, muitos membros de povos originários tiveram suas origens resgatadas, permitindo recuperar histórias ancestrais, de família, e até mesmo na questão linguística, pois muitas dessas línguas só se faziam presentes oralmente, sem registro, respeito ou valorização.

O material foi impresso e distribuído em escolas bilíngues com o intuito de fortalecer a aprendizagem das novas gerações, já que há cerca de 3000 escolas bilíngues presentes no país (ARGENTINA, 2015), e nelas estudam alunos que pertencem a 32 povos originários, e trabalham cerca de 1800 educadores indígenas.

En este contexto se inscribe la Modalidad de Educación Intercultural Bilingüe, instaurada en 2006 por la Ley de Educación Nacional 26.206 para garantizar el derecho constitucional de los pueblos indígenas a una educación que contribuya a preservar y fortalecer su identidad y para intervenir en los procesos históricos de dominación y silenciamiento que aún persisten entre lenguas y culturas. (ARGENTINA, 2015, p. 13)<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> O primeiro é atender à necessidade sempre presente de alunos e professores indígenas de dispor de material didático nas salas de aula que reflitam suas línguas e culturas como formas de acessar conhecimentos e espaços para reflexão por conta própria. Esta obra, então, busca fornecer às escolas textos plurilíngues para enriquecer as práticas de ensino e aprendizagem. O segundo objetivo é tornar visível a riqueza linguística e cultural de nossa sociedade para promover o conhecimento e o reconhecimento de nossa identidade coletiva, incorporando esses materiais educacionais como parte do patrimônio coletivo, pluralidade e diversidade. (MODALIDAD DE EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE, 2016). Tradução minha.

<sup>6</sup> Nesse contexto, a modalidade de educação intercultural bilíngue, instituída em 2006 pela Lei Nacional de Educação 26.206, está inscrita para garantir o direito constitucional dos povos indígenas a uma educação que contribua para preservar e fortalecer sua identidade e intervir nos processos históricos de dominação e silenciamento que ainda persistem entre línguas e culturas (ARGENTINA, 2015, p.13). Tradução minha.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Quando houve a obrigatoriedade do castelhano nas antigas salas de aulas, a língua própria dos povos originários foi marginalizada, mesmo sendo estes os primeiros povos a habitarem a localidade. A coleção afirma que pretende avançar mais no que se refere à escrita de línguas e culturas indígenas, no âmbito escolar e comunitário.

Para o desenvolvimento da análise, foi realizada a primeira leitura de todos os livros da coleção. Logo após, houve a separação dos conteúdos. Em seguida, houve a seleção aleatória de dois poemas para serem analisados.

O primeiro poema está presente no livro *Con Nuestra Voz Estamos*, página 70, e foi escrito pelos povos Mapuche – Tehuelche, que falam a língua *Mapudungun* ou *Mapuzungun*, e que possui o título “*Tierra*”. O tema principal do poema é descrever a supervalorização da sua terra.

### **Tierra**

Mi origen está en la tierra  
Mi fuerza está en la tierra  
Vengo de la tierra  
Esta tierra es nuestra tierra  
Él lo sabe  
Tú lo sabes  
Es nuestra tierra<sup>7</sup>

Disponível em *Con nuestra voz estamos*, página 70.

O segundo poema se encontra no livro *Con Nuestra Voz Enseñamos*, página 56, e foi escrito pelos povos Pilagás, que falam a língua indígena Pilagá. O poema leva o título “*Nuestros Abuelos*”, e trata sobre a valorização dos seus antepassados, dos seus avós anciãos.

### **Nuestros abuelos**

Nuestros antepasados fueron cazadores, pescadores, mariscadores. Las mujeres, en cambio, se dedicaban a la cestería, trabajaban con el chaguar, carandillo y también hacían cántaros.

Al llegar a la pubertad los niños y niñas eran enseñados por los ancianos para que estén preparados, ya sea para cazar, pescar y/o realizar cestería.

Hoy en día, al escuchar esto, emociona, ya que no se hacen más. Y lo que podemos decir es que "qué lindo

---

<sup>7</sup> Terra / Minha origem está na terra/Minha força está na terra/Eu venho da terra/Esta terra é a nossa terra/Ele sabe/Você sabe disso/É a nossa terra. Tradução minha.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

cómo enseñaban nuestros antepasados".<sup>8</sup>

Disponível em *Con nuestra voz enseñamos*, página 56.

### **Análise e resultados dos poemas selecionados**

De acordo com Argentina (2015), a língua Mapuche foi muito difundida entre os grupos que povoavam a região da Patagônia Argentina durante o século XIX, porém a sua difusão se viu afetada pelos preconceitos da sociedade majoritária. A sociedade queria tirar dos Mapuches o direito da língua, já que os mesmos migraram para as cidades, e essa desestruturação resultou para o progressivo abandono a língua, pelo preconceito sofrido e o esforço da escola para a conversão de um país monolíngue.

Os mapuches conseguiram ser resilientes, já que os membros da comunidade trabalham duro para difundir a cultura e língua mapuche, seus falantes e estudantes se esforçam para fazer do *mapudungun* uma língua viva e oral. "Muchos adultos y jóvenes se acercan para aprender su lengua en un complejo proceso de afirmación de identidad y recomposición comunitaria"<sup>9</sup> (ARGENTINA, 2015, p. 51). Atualmente, o *mapudungun* é uma das línguas indígenas mais vitais no país, com 200.000 falantes (número total de povos presentes na Argentina e no Chile).

O primeiro poema, que é composto de versos em uma só estrofe, e tem como título Terra, pode ser entendido e interpretado com o auxílio do Dicionário de Significados, como o que tem a função de sustentar, amparar. Eles veem a terra como algo sagrado, que foi enriquecida com as vidas dos seus povos, como um dom gratuito dos seus antepassados. Como a sua mãe, cada pedaço de terra é sagrado para seus filhos, e o que acontece com ela, reflete nos seus. A terra não pertence ao homem, o homem é quem pertence a terra.

Além do elemento terra, os povos indígenas são muito conectados com os animais, e principalmente com a família, como pudemos perceber no poema escrito pelos povos Pilagá, que trata de questões afetivas ligando a natureza com os seus antepassados. Tudo o que os mais velhos/idosos/avós fizeram pela sua família, pelo seu povo, é muito valorizado e transmitido para as gerações seguintes, levando em consideração as vivências e costumes. Segundo Argentina (2015):

Los consejos de los ancianos son los pilares fundamentales para el pueblo. Los ancianos son los concedores de todas las cosas. Transmiten enseñanzas de generaciones en generaciones, que son sostenidas y respetadas por el grupo familiar.

---

<sup>8</sup> Nossos avós / Nossos ancestrais eram caçadores, pescadores/mariscadores. As mulheres, por outro lado, estavam envolvidas em/cestaria, trabalharam com bromélias, fibras e também faziam jarros. / Ao chegar na puberdade, meninos e meninas eram ensinados/pelos idosos para que estejam preparados, seja para/caçar, pescar e / ou fazer cestaria. / Hoje em dia, quando você ouve isso, é emocionante, já que eu não se/faz mais. E o que podemos dizer é que "que lindo/como nossos ancestrais ensinaram". Tradução minha.

<sup>9</sup> Muitos adultos e jovens se aproximam para aprender sua língua em um complexo processo de afirmação de identidade e recomposição comunitária. Tradução minha.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

En este caso un padre joven siempre es ayudado por un anciano. (ARGENTINA, 2015, p. 54).<sup>10</sup>

Para os Pilagás, é uma regra respeitar os valores, crenças e cumprir seu papel como homem no grupo familiar, já que um pai é sempre o encarregado de transmitir os ensinamentos e a cultura para seus filhos, pois eles serão o futuro responsável pela continuidade da família (Argentina, 2015, p. 54).

Cada povo indígena, cada etnia, possui histórias ancestrais que mantem e carregam a sua cultura até hoje. Com o passar dos tempos, algumas cerimônias não acontecem mais, porém esse ensinamento ainda se mantém vivo, nem que seja na oralidade, e isso fica claro na última estrofe do poema, já que essas tradições são emocionantes e valorizam ainda mais os seus antepassados.

Pudemos perceber que, nos dois poemas apresentados nessa análise, o tema da natureza se fez presente, como por exemplo, no poema “*Tierra*”, e que na relação com a natureza os povos indígenas expressam muitos sentimentos.

Há também o sentimento de emoção, de saudade, presente no poema “*Nuestros abuelos*”, já que a ancestralidade indígena é algo fundamental para eles. Os mais velhos são extremamente respeitados e considerados sábios por todo o conhecimento adquirido durante a sua vida. As experiências vivenciadas por eles são levadas em consideração pelos mais novos, mas um dos desafios para esses povos na atualidade é equilibrar essa necessidade de preservar suas culturas com a adequação às mudanças do mundo.

Como pudemos observar nos poemas analisados, os povos indígenas continuam lutando pela sua cultura, pela sua terra, e é isso que dá força à resistência teórica que faz parte do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), que parte do pós-colonialismo por meio da noção de “giro decolonial”, de Ballestrin, com a finalidade de dar voz aos colonizados, para que eles continuem resistindo, produzindo conhecimento.

### **Considerações finais**

Este trabalho objetivou investigar textos literários produzidos por povos indígenas da Argentina, publicados na coleção *Con Nuestra Voz*. A partir da coleção, nosso objeto de análise escolhido foram poemas com algumas temáticas, como fenômenos da natureza, família, dia a dia dos povos na sua comunidade e resistência.

A partir da análise, que foi realizada baseada no conceito de descolonização, pudemos identificar que os povos indígenas da Argentina marcam e combatem a presença do colonizador na sua comunidade.

Os povos indígenas foram os primeiros a assumir estratégias descoloniais, eram e são muito resistentes, pois sempre lutaram pela sua cultura, pelos seus ideais. Cada povo relata com orgulho sobre os seus antepassados, sobre a cultura da sua comunidade, juntamente com a resistência e persistência para continuar.

---

<sup>10</sup> Os conselhos dos mais velhos são os pilares fundamentais para o povo. Os anciãos são os conhecedores de todas as coisas. Eles transmitem ensinamentos de geração em geração, que são sustentados e respeitados pelo grupo familiar. Nesse caso, um jovem pai sempre será ajudado por um homem velho. (ARGENTINA, 2015, p. 54). Tradução minha.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

Ensinar a literatura indígena, em especial essa que foi analisada neste trabalho, nas aulas de espanhol, seria de fundamental importância para nossos alunos e com certeza traria muitos benefícios, principalmente o de oportunizar aos alunos o desenvolvimento de uma reflexão acerca da temática trabalhada, superando os estereótipos e as ideias colonizadas sobre os indígenas, valorizando a cultura e produções literárias indígenas, que muitas vezes nem são conhecidas pelos alunos.

Com a conclusão deste trabalho, pudemos defender que o conteúdo é extremamente relevante quando se trata do ensino da literatura indígena, podendo ser um aliado dos professores que, muitas vezes não sabem como trabalhar esse conteúdo dentro do contexto escolar, e que a partir do momento em que nós, professores e educadores em formação estivermos mais instruídos para isso, consequentemente o ensino fluirá.

Não são somente os alunos que serão beneficiados com isso, os povos indígenas também, pois seus livros e materiais literários em geral serão mais consumidos, divulgados e despertarão o interesse nas demais pessoas em conhecer e combaterão todo pensamento colonizado, destacando a importância da produção literária indígena.

## Referências

ARGENTINA. Ministerio de Educación de la Nación. **Con nuestra voz estamos:** Escritos plurilingües de docentes, alumnos, miembros de pueblos originarios y hablantes de lenguas indígenas. - 1a ed. edición multilingüe. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación, 2015. 6 v. Plan Nacional de Lectura. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B4JCdb73WobCX09Ld2hyNzNFdnc/view?usp=sharing>. Acesso em: 22 abr. 2019.

ARGENTINA. Ministerio de Educación de la Nación. **Con nuestra voz enseñamos:** Escritos plurilingües de docentes, alumnos, miembros de pueblos originarios y hablantes de lenguas indígenas. - 1a ed. edición multilingüe. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación, 2015. 6 v. Plan Nacional de Lectura. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B4JCdb73WobCU2xvZnBFRVJ4SUE/view?usp=sharing>. Acesso em: 22 abr. 2019.

BALLESTRIN, Luciana (Brasília). Revista Brasileira de Ciência Política (Comp.). **América Latina e o giro decolonial**. 11. ed. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, 2013.

DICIONÁRIO de Símbolos: Significado dos Símbolos e Simbologias. Significado dos Símbolos e Simbologias. 2020. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. 196 p.



**09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020**

MIGNOLO, Walter. **La idea de America Latina**. In. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, vol 1/2005 Disponível em [periodicos.unb.br/index.php/repam/article/download/1369/1024](http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/download/1369/1024). Acesso em 17 de junho de 2020.

MODALIDAD DE EDUCACIÓN INTERCULTURAL BILINGÜE (Argentina). Ministerio de Educación. **Con nuestra voz - Textos plurilingües (libros para descargar)**. 2016. Disponível em: [eib.educ.ar/2015/11/con-nuestra-voz-textos-plurilingues.html](http://eib.educ.ar/2015/11/con-nuestra-voz-textos-plurilingues.html). Acesso em: 22 abr. 2019.

NOVAIS, Carlos Augusto. **Literatura Indígena**. In: GLOSSÁRIO Ceale. Minas Gerais: Faculdade de Educação da Ufmg. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-indigena>. Acesso em: 01 maio 2019.

QUIJANO, Aníbal (1992). **Colonialidad y Modernidad/Racionalidad**. Perú Indígena, 13 (29), 11-29.

ZEIFERT, Anna Paula Bagetti; AGNOLETTI, Vitória. **O pensamento descolonial e a teoria crítica dos direitos humanos: saberes e dignidade nas sociedades latino-americanas**. Revista Húmus, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 26, p. 197-218, out. 2019. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/12077>. Acesso em: 20 out. 2020.